

Jornal Económico

/ África Capital

30-04-2021

Periodicidade: **Semanal**

Classe: **Economia/Negócios**

Âmbito: **Nacional**

Página(s): **1,10,11**

FÓRUM

O que precisa o sector do Turismo para voltar a ser um motor da economia? ●x

FÓRUM

TURISMO PEDE APOIOS PARA RESISTIR À CRISE

Com a pandemia o sector do turismo caiu com estrondo, mas reorientou prioridades para manter ofertas e procurar travar a queda. O futuro está dependente do levantamento de restrições à circulação e da capacidade de manter ofertas competitivas. Gestores do sector pedem apoios. **JOSÉ VARELA RODRIGUES**

1 O QUE PRECISA O SECTOR DO TURISMO PARA VOLTAR A SER UM MOTOR DA ECONOMIA E QUAIS OS DESAFIOS QUE SE COLOCAM À RECUPERAÇÃO?



VÍTOR COSTA
Presidente da Entidade Regional de Turismo da Região de Lisboa e diretor-geral da Associação Turismo de Lisboa

FUTURO PASSA PELA CENTRO DA HISTÓRIA DO BACALHAU, MUSEU DO TESOURO REAL E NOVA DOCA DA MARINHA

Para que a atividade do setor do turismo possa iniciar a sua retoma é necessário que as medidas impostas pela Covid-19 já permitam a livre circulação das pessoas, em segurança, pelo menos na Europa, pois o mercado interno não é suficiente para chegar aos níveis que existiam antes de março do ano passado. Antes da pandemia, o Turismo gerava na Região de Lisboa 14,7 mil milhões de euros/ano, garantia 200 mil postos de trabalho, representava mais de 15% do PIB. Era a mais importante atividade económica e social de Lisboa. Por imposição da crise pandémica, o sector do turismo tem estado paralisado e, à semelhança do conjunto de cidades europeias nossas conterrâneas, Lisboa assistiu a quebras anuais acima dos 70% em vários indicadores, o que está a forçar as empresas a passarem por dificuldades extremamente difíceis. Face a esta devastação é fundamental que se preserve ao máximo o tecido económico do sector, incluindo a sua força de trabalho, para se poder encerrar a retoma, assim que haja condições. Neste processo de recuperação é fundamental que existam condições para se apostar no

empreendedorismo, capacidade de inovação e visão, que sempre caracterizou o sector. É certo que temos dois fatores muito importantes a nosso favor e que potenciam a capacidade de resiliência do sector e isso potencia a nossa confiança no futuro. Por um lado, a notoriedade de Lisboa permanece intacta nos mercados internacionais e as pessoas estão com uma vontade enorme de voltarem a viajar para se vingarem deste encarceramento obrigatório. Por outro, mesmo com todo o impacto que esta pandemia provocou, Lisboa tem tido a capacidade de dar continuidade a projetos que contribuem, em larga escala, para a fase da retoma. Mesmo em tempos da pandemia, um novo equipamento já foi inaugurado, o Centro Interpretativo da História do Paço, sendo este um projeto integrado na reabilitação da Estação Sul e Sueste e da Doca da Marinha, já a partir do dia 1 de maio. Toda a frente ribeirinha central, desde o Terreiro do Paço até à Doca da Marinha, passa agora a contar com novas valências culturais e atividades marítimo-turísticas, atribuindo ao Tejo o tão merecido protagonismo. Mas as novidades não se ficam por aqui, pois está a ser criado, no Palácio da Ajuda, o Museu do Tesouro Real. Durante um cenário altamente competitivo, é deste processo evolutivo que Lisboa precisa para se renovar e manter a sua atratividade.



PEDRO COSTA FERREIRA
Presidente das Agências de Viagens e Turismo

RECUPERAÇÃO ECONÓMICA DEPENDE DA OFERTA TURÍSTICA NACIONAL

Antes da crise pandémica, era evidente a liderança do sector turístico, no âmbito da economia portuguesa. Foi o Turismo que permitiu e liderou a recuperação económica do país, no rescaldo da crise das dívidas soberanas, garantindo o crescimento económico, a recuperação do emprego e o reequilíbrio das contas externas. Tudo isto, note-se, não advém de qualquer política, estratégia macroeconómica ou apoios estatais. No mundo global, vence quem é mais competitivo. Acontece,

simplesmente, que o Turismo é mais competitivo, internacionalmente, do que os restantes sectores da economia portuguesa. Graças aos seus empresários, aos seus colaboradores e ao fantástico ambiente que todos souberam criar na relação público-privada, certamente um exemplo para todos os restantes sectores económicos. Deste modo, apenas uma certeza: a recuperação da economia portuguesa num cenário pós-pandémico depende fortemente, e em primeiro lugar, da manutenção da oferta turística nacional, sobretudo das empresas que a integram, sejam agências de viagens, transportes, hotéis, animação turística, alojamento local, cultura ou gastronomia. Para que tal aconteça, torna-se necessário que o quadro de apoios dinâmico que tem resultado do diálogo entre empresas e o Governo se mantenha até, pelo menos, o final deste ano, ajudando à gestão da tesouraria e, sobretudo, à recapitalização das empresas. Garantido este palco, necessário para que o sector possa responder, voltando a liderar a recuperação económica do país, três desafios fundamentais se deparam no futuro próximo. O mais importante, e em primeiro lugar, o processo global de vacinação. Já todos perceberam, a resposta efetiva à crise de confiança é, simplesmente, vacinar. Ainda assim, além dos problemas próprios da vacinação no nosso país, onde foi possível perceber a vantagem da troca de um 'boy' por uma pessoa normal (simplesmente honesta, dedicada e competente), o desafio, mais do que vacinar, é vacinar globalmente de forma harmonizada, incluindo mercados emissores e destinos turísticos. Em segundo lugar, harmonizar as restrições às viagens. Por outras palavras, permitir que, independentemente do local de onde saem, ou para onde se dirigem, vacinados, imunes e/ou testados negativamente, todos possam viajar sem restrições. Finalmente, permitir que empresários e colaboradores possam trabalhar de forma livre, sem o peso da burocracia, sem o vírus do clientelismo, sem a tragédia da corrupção. Assim escrito, parece fácil. .



MARIA LIOYUTO
Country Manager da Yescapa Portugal

É PRECISO APRESENTAR SOLUÇÕES A QUEM VIAJA

O sector do turismo está a ser duramente afetado pela pandemia de Covid-19. É necessário adaptarmos às novas necessidades dos viajantes para que os mesmos sintam confiança e segurança ao viajar. A criação de medidas adaptadas à situação sanitária, como a criação de uma política de cancelamento flexível e medidas de desinfeção e de higienização dos locais que visitam são alguns dos fatores evocados por parte dos viajantes como fatores prioritários na tomada de decisão na hora de viajar. O autocaravanismo tem dado mais do que provas na sua importância para o turismo em Portugal e na sua sazonalidade. Há comércios locais e regiões do país (Portugal continental e Portugal insular) que dependem financeiramente do turismo e o autocaravanismo tem ajudado a dinamizar as localidades com menos acessibilidade durante todo o ano. Prova disso é o facto de Portugal ser o destino mais reservado na Yescapa por estrangeiros. Existem vários desafios relacionados com a recuperação do sector, mas é necessário focar nos nas soluções e apresentar opções aos viajantes de forma a que, pouco a pouco, deixem de sentir receio em viajar. Teme-se que, no sector do autocaravanismo em Portugal, as infraestruturas não acompanhem as necessidades dos turistas, havendo uma exigência redobrada nesse sentido, de forma a criar condições como Áreas de Serviço de Autocaravanas (ASAS) adaptadas para autocaravanas para que os viajantes visitem as aldeias mais isoladas e praticamente desertificadas. Destacamos o bom exemplo a ser implementado pelo nosso país vizinho espanhol, que está a melhorar as acessibilidades e condições para autocaravanas para cativar a atenção dos turistas e desta forma impulsionar a economia local. Os portugueses querem viajar e escapar do período atual e visitar os locais que se encontram na wishlist, há bastante tempo, pelo que cabe às empresas do sector fornecer medidas de segurança para a realização das suas viagens.



MARCO RODRIGUES DIAS
Managing partner da OGRAM

É PRECISO UM PLANO DE APOIO PARA O SECTOR

Acima de tudo, o turismo necessita de resiliência e definição de algumas estratégias nucleares. O sector, na sua globalidade, foi um dos mais afetados, tendo impactado fortemente as exportações nacionais e colocado a ru a dependência de Portugal e de outros países em que esta atividade é relevante. E diferente não poderia ser, uma vez que o turismo converge com um vasto conjunto de áreas. Posto isto, existem sectores dentro do turismo que potenciam todos os restantes, nomeadamente os transportes, com destaque para a aviação. Acima de tudo, necessitamos que a aviação civil retome urgentemente a sua atividade, uma vez que é ela que permite o fluxo exportador e a geração de dinâmicas fortes de circulação turística, sejam elas de lazer, corporativas ou institucionais. Aliado a um transporte forte, seguro e adaptado às novas necessidades pós-Covid-19, os agentes locais (hotéis, agências de viagem, empresas de transporte, restauração, museus, entre outros) precisam de recompor na sua capacidade máxima de trabalho e, para que isso aconteça, é necessário um plano nacional robusto que promova a retoma do investimento nas empresas, nomeadamente através do apoio a nível fiscal. Empresas fortes são a garantia de empregabilidade e Portugal precisa, mais do que nunca, de salvaguardar o emprego. Assim, e muito sinteticamente, o sector do turismo precisa de um apoio fiscal, mesmo que temporário. Isto faz-se com a redução substantiva dos impostos e o apoio direto ao fomento do emprego. Com estes apoios e uma estratégia bem definida para os anos de recuperação, nomeadamente ao nível da melhoria dos índices de qualidade de vida nacional, muito fomentada pelo paralelismo entre o aumento do salário mínimo e alguma redução de impostos, Portugal poderá tornar-se altamente competitivo e almejar uma retoma rápida e eficiente.



JOÃO VARGAS
Secretário-Geral
da ANEEB

**APOIO AO TURISMO
TEM DE SER PRIORITÁRIO**

O sector do turismo tem uma importância vital, económica e estratégica, para Portugal. Foi o motor da economia nacional no pós-crisis de 2011 e é hoje um dos mais afetados pela atual pandemia. Contexto suficiente para impelir o Governo a torná-lo como prioritário nos apoios concedidos à economia, sem esquecer o fundamental e urgente plano, de médio e longo-prazo, para a reconstrução do sector, em estreita articulação com as associações que o representam. Os nossos responsáveis políticos tardam em fazê-lo. Desde logo, é essencial assegurar que a atual reabertura é definitiva e segura. Tal não implica o simples levantamento de restrições. Vigilância e conceitos inteligentes são necessários para minimizar o risco de futuros ressurgimentos da Covid-19. É essencial colocar em prática protocolos robustos, mas viáveis, em todo o sector da hospitalidade. Ao mesmo tempo, é necessário garantir uma correta comunicação das mensagens de saúde pública, fornecer formação melhorada ao pessoal da hotelaria e assegurar que as regras e protocolos sejam devidamente aplicados e regularmente revistos com base nos dados científicos mais recentes. Tudo isto exige investimento. Um esforço financeiro que não está ao alcance das milhares de PME, depois de um ano de pandemia e dois confinamentos. O Fundo de Recuperação de 750 mil milhões de euros da UE foi criado para relançar a economia da Europa e alimentar a sua recuperação a longo prazo. Para que tenha êxito, é absolutamente vital que as pequenas e médias empresas em dificuldades, como bares e restaurantes, possam ter acesso aos apoios. A ANEEB, juntamente com a AHRESP, e com as associações europeias do setor – spitalEurope e HOTREC – têm defendido junto dos responsáveis políticos, nacionais e europeus, a absoluta necessidade do prolongamento dos apoios a estas empresas. São instrumentos essenciais para ajudar os estabelecimentos a evitarem níveis de endividamento excessivos, continuarem a assegurar os rendimentos dos trabalhadores e a apoiarem a qualificação e requalificação dos recursos humanos.



FRANCISCO DE CALHEIROS
Presidente da TURIHAB -
Associação do Turismo
de Habitação

**TURISMO RURAL
EM CONTRACICLO**

Por mais estranho e paradoxal que nos pareça, o Turismo no espaço rural ganhou um novo fôlego com a chegada da pandemia. A verdade é que houve uma corrida à natureza, ao campo, à montanha e uma exploração das caminhadas – que, de facto, já vinha em sentido crescente. E tudo isto faz sentido seguindo a perspetiva da fuga das pessoas da cidade para encontrar refúgio no ar livre. O Turismo de Habitação e as casas de campo já no ano passado, em plena fase de condicionamento e restrição de viagens para o exterior, mostrou uma ocupação excecional por parte dos portugueses, que parecem ter-se entusiasmado pela agradável surpresa da descoberta. Isto porque, para além das ótimas condições que as casas oferecem – como o alojamento, os espaços exteriores, os jardins e os equipamentos de lazer –, estes edifícios também contam estírios e, muitos deles, são efetivamente parte da História de Portugal. Os seus donos, que viajaram pelo mundo, colheram influências de África, das Américas e da Ásia, que verteram nas suas casas e que hoje se encontram nas paredes, nos quadros e nos demais objetos de arte e decorativos que espelham o conhecimento dessas paragens. As viagens em família vivam no Turismo de Habitação um ponto de encontro, percebendo-lhe o potencial nas casas de campo para passar umas férias tranquilas. Prova disso será o facto de muitas reservas deste ano já terem origem em estadias do ano passado, tendo os próprios hóspedes se apossado a marca-las. Estamos convictos que a nossa oferta se enquadra perfeitamente no imaginário dos novos turistas, não só portugueses mas também os estrangeiros – e já começaram a chegar, sobretudo da Alemanha que impõe menos restrições para Portugal. Ainda assim, alguma esperança está depositada nos Estados Unidos da América, que mais depressa estão a conseguir ultrapassar as restrições, levando os nossos operadores a prever uma boa resposta já para o segundo semestre de 2021. Portugal, com o ritmo de vacinação que leva, poderá recuperar um pouco nesse período. No entanto, pensamos que somente no segundo semestre de 2022 poderemos sentir uma melhoria real. O sector do turismo está a ser um dos mais penalizados – senão o maior – pela pandemia e, por isso, justificam-se todos os apoios para a manutenção dos apoios até ao primeiro trimestre do próximo ano. A palavra de ordem neste momento é “resistir”. Asseveramos que vamos assistir a uma procura crescente dos destinos que oferecem mais segurança e, sobretudo, que

oferecem diferença no acolhimento e na autenticidade. Mais do que o luxuoso ou exótico, o turista dará preferência à biodiversidade, aos produtos naturais, ao ar puro, à natureza e aos cuidados com a higiene e segurança. A História, o património, os usos e os costumes, e a oferta de atividades ao ar livre serão determinantes na escolha dos destinos de férias. A TURIHAB, com um conjunto de casas espalhadas pelo continente e ilhas, desenhou itinerários e circuitos que estão a ser alvo do maior êxito por parte dos operadores, conjugando as várias regiões do país e proporcionando experiências únicas e diversificadas. Acreditamos que a recuperação será possível em tempo útil, ainda que estando dependente da abertura dos aeroportos e demais transportes e, sobretudo, da imunização de grupo.



PEDRO CARDOSO
Gerente
do Sol dos Presuntos

**NÃO PODEMOS APOSTAR
SÓ NO MERCADO EXTERNO**

Ver o turismo como um todo foi, para mim, um dos maiores erros que se cometeram no passado. Temos de perceber que o turismo não são só os hotéis – então os restaurantes, os bares, os cafés, as tabernas e outros estabelecimentos similares não são turismo também? Claro que sim, mas nesta crise não foram ouvidos e antes tratados como “parentes pobres”, quando, se calhar, são a espinha do motor económico do que tanto se fala. Não podemos deixar que quem nos representa (AHRESP) continue a falar em nosso nome quando nem sequer nos ouvirem. Temos de ter uma representatividade forte, sem agendas próprias e isentas politicamente, com um único intuito e para o qual foram mandatados: representar a restauração nacional. Temos de pensar que a nossa dependência não pode estar só baseada no mercado externo – “faça férias cá dentro” deve ser o lema da recuperação. Teremos de formar (escolas de formação profissional) e dar condições a quem quer trabalhar neste sector, para que possa ser feliz e fazer um trabalho ainda melhor. Devemos ser mais unidos e partilharmos as nossas experiências, para facilmente podemos contornar as nossas dificuldades. Devemos acreditar que Portugal é e será sempre um país de afetos com uma localização única e uma hotelaria que pode ombrear com qualquer país do mundo.



RAUL MARTINS
Presidente da Associação
da Hotelaria de Portugal

**ABRIR FRONTEIRAS
E MANTER EMPRESAS
SÃO GRANDES DESAFIOS**

Já todos sabíamos que o Turismo seria o último a recuperar desta pandemia, por vários fatores, mas, sobretudo, porque está muito dependente da confiança de quem viaja. Só quando conseguirmos alcançar a imunidade de grupo, nós e os nossos principais mercados emissores, é que poderemos começar a falar de recuperação. Até lá, o grande desafio passa por abrir as fronteiras para quem estiver vacinado e manter as empresas e os postos de trabalho. O início de 2021 foi muito difícil para o Turismo e para a Hotelaria. Por isso, a AHP preparou, em conjunto com os empresários hoteleiros seus associados, um plano – o Plano SOS Hotelaria – que entregou ao Governo no passado mês de fevereiro e que propõe dois eixos imprescindíveis à sobrevivência das empresas hoteleiras: um fiscal e outro financeiro, para além de um conjunto de medidas de estímulo à economia do turismo. Entretanto, o Governo apresentou um conjunto de novas medidas mas não chegou. Para que as empresas sobrevivam é fundamental que haja uma linha de crédito para o turismo que possa ajudar a suportar custos fixos gerais e operacionais, e que a redução da Taxa Social Única seja de 100%, sobretudo nesta fase em que o plano de desconfinamento ainda está em curso, os aviões ainda estão em terra – não esquecer que dependemos 90% do transporte aéreo, as fronteiras terrestres ainda estão encerradas (e ainda não há previsão de abertura), pelo que ainda não podemos contar com os turistas que vêm por essa via. Também o apoio à retoma progressiva tem de ser prolongado até junho de 2022, bem como as moratórias. Neste momento, já existem algumas reservas para o verão e há também os primeiros sinais vindos de alguns mercados importantes para Portugal, como é o caso do Reino Unido e dos Estados Unidos. Agora, é fundamental apostar numa grande campanha de promoção do destino e que incentive ao consumo, tanto do mercado interno como do externo. Entretanto, é urgente a concretização do Digital Green Certificate que trará a tal confiança a quem viaja e que é fundamental para que haja recuperação do Turismo.



DANIEL SERRA
Presidente
da Pro.Var

**CONTINUAM A SER
NECESSÁRIOS APOIOS
ROBUSTOS AO TURISMO**

A atravessar uma das maiores crises da história recente, o sector do turismo tenta sobreviver perante as inúmeras restrições à sua normal atividade e tenta vislumbrar um futuro mais próspero, ainda que incerto. Com a economia a abrir a lentamente, vemos também os apoios do estado a terminar rapidamente e a deixar muitos empresários sem alternativas. É preciso compreender que muitas empresas do setor não vão conseguir recuperar enquanto o turismo internacional não retomar. Por exemplo, em regiões como o Porto, Lisboa ou o Algarve, a oferta instalada está adaptada à procura externa que, neste momento, é quase nula. Continuar, por isso, a ser necessários apoios robustos a este sector que vai continuar “fechado de porta aberta” em muitas cidades de Portugal. O setor sentiu a continuará ainda a sentir na pele os grandes custos desta crise. No entanto, esta é também a altura de começar a planejar a retoma a longo prazo e de começar a pensar em como iremos aproveitar as oportunidades que surgirão após esta crise. A pandemia revolucionou os hábitos laborais e de lazer da população. Se há 2 anos o teletrabalho era algo quase exclusivo para freelancers, hoje conseguimos perspetivar que será uma realidade para cada vez mais trabalhadores que serão mais livres de escolher onde morar e em que ambiente desejam trabalhar. Com esta flexibilização do trabalho, começam a ser possíveis novas formas de turismo com estadias prolongadas em diferentes países. Esta liberdade de localização traz grandes oportunidades para o turismo português que pode captar turistas para estadias mais prolongadas, em diferentes épocas do ano e com maior valor acrescentado. Porém, nada disso será possível se não revolucionarmos o setor por dentro. É preciso mais formação em gestão para os empresários que já estão na área e é também necessário criar mais barreiras à entrada num setor que lida diariamente com a saúde das pessoas. É importante garantir que os restaurantes que abrem têm todas as condições para esse efeito e pessoas formadas para tal. Medidas democráticas como a baixa do IVA seriam também de extrema importância para a retoma e revitalização do setor. Só assim poderemos aproveitar as oportunidades que todos esperamos que ainda venham a surgir após estes longos e duros meses.